

Rumores de mitologias – Barthes e a colonização

Emi Koide¹

RESUMO: Proponho apresentar uma análise do vídeo *Vita Nova* (2009) do artista Vincent Meessen, que parte de uma fotografia que figura como capa da revista *Paris Match* de 1955 analisada por Roland Barthes no texto “O mito, hoje” de *Mitologias* (1957) – de um jovem negro saudando a bandeira francesa – decifrada como “álibi da colonização” (BARTHES, 1957, p. 203). Em sua investigação, o filme revela algo inesperado: o fato de que o avô de Barthes, Louis-Gustave Binger, havia sido um explorador colonial que governou o território correspondente à Costa do Marfim atual. O filme se apropria de textos de Barthes, em reviravoltas que criam novos sentidos e significados. Procuo identificar algumas inflexões, deslocamentos e outras reflexões dos textos de Barthes na presente obra, levando em consideração temas como mito, poder, colonização e história.

PALAVRAS-CHAVE: Barthes; Mitologia; Colonização; História; Vídeo; Fotografia.

Mythologies and its rumors – Barthes and colonization

ABSTRACT: I propose to present an analysis of the video *Vita Nova* (2009), by the artist Vincent Meessen, which departs from a photograph of the cover of *Paris March Magazine* from 1955. This photograph – a young black boy saluting the French flag – is analyzed by Barthes in the text “Myth today” in *Mythologies* (1957) and it is deciphered as “alibi of colonization” (BARTHES, 1957, p. 203). In its development, the film reveals an unexpected relationship: the fact that Barthes’ grandfather, Louis-Gustave Binger, was a colonial Explorer who ruled the territory corresponding to Ivory Coast nowadays. The film appropriates from Barthes’ texts, twisting them and creating new meanings. I seek to identify some inflexions, displacements and other reflections based on Barthes’ texts in this work, taking into consideration issues as myth, power, colonization and history.

KEYWORDS: Barthes; Mythology; Colonization; History; Video; Photography.

Proponho apresentar uma breve análise do vídeo *Vita Nova* (2009) do artista belga Vincent Meessen. Em *Vita Nova*, Meessen parte do célebre *Mitologias*, sobretudo do texto “O mito hoje” (1957) para dar uma nova e diferente vida ao texto barthesiano. O ponto de partida é a análise da foto da capa da revista *Paris Match* n. 326 de 25 de junho a 2 de julho de 1955: um jovem negro saúda a bandeira francesa. No trecho em questão, cuja imagem é primeiramente mencionada Barthes afirma:

Na capa, um jovem negro vestido em uniforme francês faz a saudação militar, os olhos elevados, fixados sem dúvida sobre uma dobra da bandeira tricolor. Isto é o sentido da imagem. Mas, ingênuo ou não, eu vejo bem o que ela me significa: que a França é um grande império, que todos os seus filhos, sem distinção de cor, servem fielmente sob sua bandeira, e não há melhor resposta aos detratores de um pretenso colonialismo que o zelo deste negro em servir seus pretensos opressores. (BARTHES, 1957, p. 189)

No decorrer de sua análise, Barthes utiliza a imagem para esclarecer pontos, exemplificar o funcionamento do mito. Pois para ele, o mundo ocidental moderno está imerso em mitologias através da propaganda, imprensa, modos de vida. O poder do mito consiste justamente em naturalizar os conceitos, em transformar história em natureza. Para o produtor do mito, a imagem do jovem negro seria um símbolo, um exemplo da imperialidade francesa; para o mitólogo que decifra o mito, distinguindo sentido e forma, a imagem do jovem negro se torna “álibi da imperialidade francesa” (BARTHES, 1957, p. 201), mas para o leitor do mito, a imagem do jovem negro é tão somente a presença desta imperialidade francesa. Tal como Barthes afirma ao naturalizar o que não é natural, aquilo já foi deformado, “o mito só existe a partir do momento preciso em que a imperialidade francesa passa ao estado de natureza, o mito é uma fala excessivamente justificada” (BARTHES, 1957, p. 203). Diante disso, parece que a tarefa do mitólogo de decifrar o mito, de

¹ Emi Koide é pós-doutoranda no departamento de História da Arte da UNIFESP, bolsista FAPESP com o projeto “Imagens da África – Espectros de colonização do Congo (RDC)”. E-mail para contato: koide.emi@gmail.com.

mostrar a deformação, é em vão, pois seu poder consiste em continuar a agir, inocentemente, sem nada esconder, dado que suas intenções foram naturalizadas. Barthes (1957, p.205) fala também do mito como um “roubo de linguagem”, em que a linguagem pode ser apropriada, sendo assim continuamente reinterpretada. O mito seria uma colonização da linguagem. Qual seria então, uma possível saída, se desvendar o mito não o enfraquece? Barthes afirma que uma alternativa seria roubar o próprio mito, mitificar, criar um mito artificial.

Parece ser esta, em certa medida, a proposta de Meessen com seu vídeo: ele rouba as palavras de Barthes, por *détournements*, lhe dá novos sentidos, leituras e desdobramentos. Ou seja, *Vita Nova*, título do projeto de romance inacabado de Barthes que ele rouba ou se apropria para dar uma nova vida. Para Barthes, não haveria mitologia de esquerda, pois esta não traria a dimensão da meta-linguagem – essencial para o mito – mas somente com linguagem-objeto. A fala do operário, do oprimido ou do colonizado reenviaria à coisa mesma, ao mundo real. Parece-me que o ponto de partida de Meessen é este: instigado pela leitura do texto de Barthes sobre a capa da Paris Match, ele parte em busca daquele que teria sido outrora, em 1955, o menino negro da mítica revista. E mais, ele investiga - a partir do interior da revista - outras fotos e reportagens que a compõem contextualizam e oferecem uma outra leitura também da própria capa. Embora Barthes tenha se detido em analisar a imagem, há manchetes e escritos na própria capa que sinalizam para o contexto daquela imagem: “Les nuits de l’armée”: “o pequeno Diouf veio de Ouagadougou com seus camaradas, crianças das tropas da África Ocidental Francesa (A.O.F.), para oferecer o fantástico espetáculo que o exército francês apresenta no Palácio de Esportes esta semana”. “Nuits de l’armée” foi um grande evento transmitido pela televisão com mais de 4000 participantes e diferentes guardas e exércitos vindos da A.O.F. para celebrar o império francês (DEMOS, 2013, p. 46). Justamente num contexto de eclosão de lutas pela independência: a derrota da França na guerra da Indochina em 1954, e o início da guerra pela liberação na Argélia. No restante da revista, há muitos artigos relacionados à colonização na Indochina, no Mali e no Congo Belga. Para Meessen, o que faltava justamente era a palavra do próprio jovem negro que figurava na capa, Diouf. Ou seja, seria a tentativa de dar voz ao oprimido, ao colonizado, aquele que teve sua imagem roubada pela revista Paris Match, pois mesmo nas reportagens no interior da revista com outras fotos sua voz, bem como a dos demais meninos que integraram as tropas, estava ausente. Meessen parte em 2006 para Burkina Fasso em busca de Diouf e seus camaradas, um artigo num jornal local é publicado “Restitution de l’histoire: A la recherche de Diouf, Issa e Santoura, enfants de troupe en 1955”². No entanto, o artista não encontrou Diouf Birane, que faleceu no Senegal nos anos 1980, mas ele encontra Issa Kaboré (DEMOS, 2013, p. 46).

O vídeo começa de modo inquietante, o fundo negro, sem nenhuma imagem; escutamos a voz de um homem idoso que tenta em vão cantar a Marselhesa. Finalmente vemos a imagem de Issa Kaboré, que tenta cantar o hino francês, mas sua memória falha, ele engasga, as palavras lhe fogem, silêncios, ele repete inúmeras vezes : “allons les enfants”, seguido de outras palavras esparsas que compõem o hino. Num certo momento a memória falha ou o ato falho compõe inesperadamente: “allons les enfants de la tyrannie, le jour de gloire est arrivé”. Depois, vemos a célebre imagem da capa da Paris Match, enquanto Issa ao final se contenta em cantarolar o hino sem a letra, para ao final indagar aos que o rodeiam se há por ali alguém que ainda conheceria a Marselhesa. Em vão, parece que ninguém mais se lembra. Ele então afirma: “é doloroso, é doloroso”.

A sequência seguinte nos transporta para um rio, onde vemos um barco, um homem que rema e a voz *over* de um narrador- personagem, um outro homem negro que “roubará” as palavras de Barthes, desviando sentidos, deformando mitos e contando uma outra história. Ele diz: “Será que nos lembramos de Roland Barthes, morto no século passado? Do grão da sua voz quando ele dizia: as palavras não morrem nunca porque elas não são seres

²VerJolivet Emmaüs, “Restitution de l’histoire: A la recherche de Diouf, Issa et Santoura, enfants de troupe en 1955” In *Le Faso*, 14 août 2006: http://www.lefaso.net/spip.php?page=impression&id_article=15689

mas funções; elas somente sofrem mudanças, como avatares, reencarnações” (MEESSEN, 2009). E se as palavras reencarnam, continua o narrador, ele se pergunta o que ocorreria se as palavras de Barthes assim o fizessem. O personagem lê e folheia o livro *Mitologias*, mas às palavras desta obra se misturam muitas outras vindas de outros escritos de Barthes. O comentário recupera o conceito de espiral para falar de história, em que Barthes faz referência a Vico, mas também a Marx, em que eventos da história se repetem mas na qual há sempre uma diferença que se insere, interligando repetição e diferença. Em “La division de language”, Barthes afirma: “Mas a história, segundo a bela metáfora de Vico, não procederia em espiral? Não devemos recuperar (“reprender”) (o que não quer dizer repetir), as antigas imagens para lhes dar conteúdos novos?” (BARTHES, 1994, p. 1609). Parece ser justamente esta ideia de espiral, de retomar, recuperar antigas imagens para dar novos sentidos e conteúdos que anima o vídeo. Então um novo desdobramento da investigação em torno de mitologias se segue. Mais adiante, o que também é significativo do procedimento de apropriação do artista, é a ideia de roubo de linguagem, e sua relação com a própria ideia de colonização. O narrador nos diz:

Eu cito Barthes, aceitando deformá-lo, eu faço escorregar os sentidos das palavras, até passar do lado do corruptor. Eu roubo seu fetiche, a linguagem. Roubar de um homem sua linguagem, em nome da própria linguagem. Todos os assassinatos legais começam assim. (MEESSEN, 2009)

O trecho do roubo faz referência à análise que Barthes (cf. 1957, p. 50) faz de um processo judicial em torno de um caso de assassinato em “Domini ou o triunfo da literatura” em *Mitologias*. Mas aqui, o roubo da linguagem reenvia à história da colonização, de violências físicas e simbólicas. E também resulta em uma provocação: e se agora o ex-colonizado rouba a linguagem de um dos principais intelectuais da ex-metrópole?³ Então o narrador personagem, ele mesmo num cabeleireiro, narra e lê as considerações iniciais de Barthes (que num salão de cabeleireiro diz que lhe foi oferecida a revista *Paris Match*, na qual figura o jovem Diouf). Mas o narrador tem em mãos o jornal local que anuncia a procura por Diouf, Issa e Santoura.

Mais adiante, o velho Issa perambula pelas ruas de Ouagadougou (Burkina Fasso), e encontra uma escola, onde se senta. A esta sala de aula vazia segue uma cena da sala repleta de alunos em uniforme que copiam os escritos da lousa, enquanto ouvimos diferentes vozes que falam de missões colônias na A.O.F., mais precisamente sobre a missão de Binger. Trata-se de Louis Gustave Binger, oficial e explorador francês que participou de missões para a integração da Costa do Marfim à A.O.F. É o avô materno de Barthes, sobre o qual ele pouco falou. É curioso que em *Roland Barthes par Roland Barthes*, onde o álbum de família toma uma dimensão romanesca, inventada, tudo que ele diz sobre este avô que ele não nomeia é: “na sua velhice, ele se entediava. Sempre sentado à mesa, antes da hora (mesmo que esta hora fosse adiantada sem cessar), ele vivia cada vez mais adiantado, de tanto que ele se entediava. Ele não fazia discursos” (BARTHES, 1975, p.16).

³Aqui poderíamos problematizar este “roubo” que ocorre numa espécie de *mise-en abyme*, pois é o personagem-narrador negro do filme que roubaria as palavras de Roland Barthes, mas o autor do roteiro que efetivamente “rouba” a linguagem barthesiana para colocá-la na fala de seu personagem é o artista belga Meessen. Evidentemente que tal escolha se faz justamente para acenar para uma crítica à história colonial; no entanto, tal como em considerações de teorias pós-coloniais, tal ato poderia ser também problemático, na medida em que o autor europeu se coloca no lugar do subalterno, em certa medida falando em seu lugar. Outro aspecto interessante a considerar é que se o intuito inicial do artista era justamente dar voz à Issa Kabore, ao menino cuja fala estava ausente na revista *Paris Match* de 1955, no vídeo praticamente não ouvimos sua fala, sua imagem é muito mais presente. Também é a pedido do realizador que o início marcante do canto do hino é apresentado, ou seja, trata-se de uma *mise-en scène*, ainda que isto mostre que Issa efetivamente pouco se lembra do hino francês. Poderia se dizer que “dar voz” ao outro colonizado também continua sendo um ato de poder, de uma discreta hegemonia, e que uma certa relação de poder ainda desigual se manteria, num certo rastro colonial, ao falar no lugar deste outro subalterno.

Em seguida, o vídeo apresenta lugares pelos quais Binger passou, como Tiakané na atual Burkina Fasso, onde após foi construída uma escola que porta seu nome. Segundo testemunhas, a escola teria sido criada pelos descendentes do explorador colonial que fora também governador da Costa do Marfim e posteriormente diretor do Ministério de Colonial. Mas de Tiakané vemos algumas habitações e muitas ruínas. Também passa por Bingerville, cidade na Costa do Marfim, percorrendo as ruas cujos nomes são também de outros exploradores ligados à história colonial. O narrador personagem anda pelas ruas, vemos construções em ruínas, sobretudo do que outrora havia sido o palácio de governo da cidade. A narração em voz *over* faz então uma digressão em torno do nome, sempre recuperando Barthes, desta vez a partir de *Grau zero da escritura*: “O nome próprio é também um signo, e não um simples índice [...] Como signo, o nome próprio se oferece a uma exploração, a um deciframento” (BARTHES, 1972, p.122-125). Ainda, cada nome se relaciona com a narrativa mesma, em que cada nome conteria cenas, pequenas histórias. Nesta história, em que o nome seria também uma fantasmagoria (DEMOS, 2013), o nome de Binger aparece impregnado de histórias coloniais ainda não contadas. Ainda, o nome próprio traria dimensões do não dito, carregaria reminiscências, evocando passados esquecidos (ALTMANOVA, 2013, p. 56-57). Apresentado como vídeo-instalação, são apresentadas em conjunto a cópia da famosa revista Paris Match, outras revistas do período colonial, bem como de diários de Binger (DEMOS, 2013, p. 60-61).

No vídeo, a relação de Binger com Barthes só é revelada depois, já mais próximo ao fim (aproximadamente aos 20 minutos do total de 28 minutos). A partir de uma foto do funeral de Binger, a câmera percorre a imagem do lado direito até chegar ao canto esquerdo, enquanto o narrador nos conta as homenagens: “Rendemos a última homenagem ao grande explorador, fundador de colônia, governador geral da Costa do Marfim, membro fundador da Academia de Ciências Coloniais e do partido colonial”. Sobre a tumba os escritos “a pátria reconhece aquele que deu a Costa do Marfim à França”. E na medida em que a câmera percorre os rostos anônimos, o comentário diz “no canto, esquerdo, eu reconheço, é seu perfil, é ele, o neto, Roland Barthes, secretamente assombrado pelo fantasma de seu avô. Assombrado pelo mito de suas origens” (MEESSEN, 2009).

Assim, o vídeo revela e explora aspectos desconhecidos ou pouco mencionados da história de Barthes e da colonização. Mas o vídeo nos traz outras figuras de espirais e inquietações. Sobre as “Nuits de l’Armée”, o filme nos mostra a entrada do palácio de esportes cujo outro nome é Vel d’Hiv (*Vélodrome d’hiver*), que em 1942 foi lugar de prisão em massa de judeus na França de Vichy - para não mencionar que, mais tarde, em 1958, seria um centro de detenção para Argelinos na Paris de Maurice Papon (cf. MCQUILLAN, 2011; DEMOS, 2013). Ainda, outra repetição que assombra é a de um jovem marfinense atual, vestido em uniforme, que perpassa o filme, ecoando as imagens de “nuits de l’armée”. Trata-se de novos “enfants de troupe”, que em Bingerville ainda existem na EMPT – École Militaire Préparatoire de Bingerville⁴, ex-Etat Major de Bingerville -, misto de escola com treino militar, que parece ser herança das crianças de tropa coloniais. O jovem ecoa a imagem antiga, e saúda agora outra imagem tricolor, a bandeira da Costa do Marfim. No entanto, tal imagem e herança não deixa de ser inquietante, justamente em se tratando da Costa do Marfim, país marcado por inúmeros golpes e disputas de poder por diferentes grupos militares.

Vita Nova parece, assim, nos oferecer uma outra vida, desviando, se apropriando, roubando e recriando a partir do mito Barthes, contanto histórias silenciadas, histórias ainda recalçadas da colonização. Mas também o faz como homenagem a Barthes. Ao final o comentário nos diz: “Paris Match retirou, da criança de tropa, sua memória, mas não sua existência. Barthes havia lhe legado uma herança futura. E este futuro era nosso presente.”

⁴ Ver Elysée Yao, “Ecole militaire préparatoire de de Bingerville”le parcours des enfants de troupe” in Linfodrome, 21/03/ 2012: <http://www.linfodrome.com/societe-culture/1456-le-parcours-des-enfants-de-troupe>

REFERÊNCIAS:

- ALTMANOVA, J. *Du nom déposé au nom commun: néologie et lexicologie en discours*. Milano: Educatt, 2013.
- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Le Seuil, 1957.
- _____. *Le degré zero de l'écriture*. Paris, Le Seuil, 1972.
- _____. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris, Le Seuil, 1975.
- _____. "La division des langages" In *Oeuvres Complètes*, Tome II: 1966-1973, Paris: Le Seuil, 1994.
- DEMOS, T.J. *Return to the Postcolony - Specters of Colonialism in Contemporary Art*. Berlin: Sternberg Press, 2013.
- EMMAÜS, J. "Restitution de l'histoire: A la recherche de Diouf, Issa et Santoura, enfants de troupe en 1955" In *Le Faso*, 14 août 2006:
http://www.lefaso.net/spip.php?page=impression&id_article=15689
- MCQUILLAN, M. *Roland Barthes (Or the Profession of Cultural Studies)*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- Yao, E. "Ecole militaire préparatoire de de Bingerville"le parcours des enfants de troupe" in Linfodrome, 21/03/ 2012: <http://www.linfodrome.com/societe-culture/1456-le-parcours-des-enfants-de-troupe>

VÍDEO:

- MEESSEN, V. *Vita Nova* [vídeo-instalação] Produção: Normal Asbl, Bélgica, Distribuição: Argos, 2009. DV, PAL, 28 min., cor, son.